



ESCOLA SUPERIOR DE ENFERMAGEM IMACULADA CONCEIÇÃO

INFORMAR

Revista de Formação Contínua em Enfermagem

Ano IX - N.º 31 • Setembro/Dezembro 2003

PUBLICAÇÃO SEMESTRAL





Cuidar de idosos, será uma questão de género? Uma reflexão

Carlos Magalhães

Enfermeiro Especialista H. D. Bragança, Mestrando em Psicologia

Resumo

É uma realidade a representação de que é essencialmente à mulher que lhe cabe o papel de cuidar dos idosos, em termos de contexto domiciliário. Tal representação deve-se à enculturação do indivíduo pela sociedade, cujas origens remontam desde o tempo da pré-história. Contudo, nem sempre as origens desses papéis são fáceis de descortinar, pois ao longo dos tempos, fruto de diversos factores, os mesmos têm-se redefinido.

Certo dia, aquando estava efectuando uma leitura acerca da arte do cuidar em enfermagem, a minha esposa chega do seu emprego (cujas funções consistem em gerir recursos humanos num lar de idosos) e vinha extremamente irritada. A minha primeira reacção foi questionar a razão de tal irritação, a resposta estava numa situação verificada no seu local de trabalho, a qual passo seguidamente a descrever: *"Ultimamente um idoso do lar recusou-se a alimentar, foi então decidido chamar os seus dois filhos, de forma os mesmos, utilizarem uma estratégia de persuasão, no sentido de que o pai começasse a comer. Contudo, os filhos apenas lá estiveram não mais que dez minutos e pouco conversaram com o pai, o que irritou extremamente a minha esposa"*. Seguidamente após ouvir o que se tinha passado, decidi questioná-la, no sentido de que me desse a sua opinião acerca deste comportamento, perguntei-lhe: *"Porquê achas que eles se comportaram assim?"*. Extremamente curiosa foi a sua resposta, que foi de imediato: *"Porque são homens"*. Estive imenso tempo a tentar perceber a resposta dada, pois pareceu-me que estávamos a falar da relação cuidar / género / cultura e personalidade. Pois é, efectivamente, nesta minha realidade espaço-temporal (isto é, neste local onde habito - sociedade ocidental, moldada ao longo dos tempos, com crenças, valores, costumes, e neste actual período de tempo) parece existir uma ideia que se generaliza, de

que nós os homens não nos preocupamos muito com as questões do cuidar (cuidar este, definido numa vertente quotidiana / domiciliária, como por exemplo, cuidar das crianças, cuidar dos idosos), e que no nosso ponto de vista, esse papel pertencerá mais ao género feminino. Será cultural?

Efectivamente, parece ser uma óptima questão para ser analisada numa perspectiva antropológica. Contudo, tal como nos refere Ember & Ember (1996), nem todas as coisas que compoem uma sociedade são culturais, assim por exemplo, comer não é cultural, mas já o será, o que comemos, quando e como o fazemos, porque são coisas que se aprendem e que variam de sociedade para sociedade.

Tendo como base Collière (1989), apercebemo-nos que o papel do cuidar foi essencialmente atribuído à mulher. Desde a origem do ser humano até à Idade Média, garantir a sobrevivência era um facto quotidiano, tal implicou a distribuição de actividades indispensáveis à garantia das funções vitais, pelos dois géneros. Contudo, foi às mulheres que lhe foi destinado o cuidar das crianças, dos idosos e dos doentes, bem como, tomar conta dos vivos e dos mortos, entre outros, aplicando para tal, saberes transmitidos de geração em geração (como por exemplo, saberes de práticas alimentares e da utilização medicinal das plantas, entre outros), enquanto que aos homens competia-lhes a

caça e a pesca, entre outros. Esta divisão sexuada do trabalho, tendo em conta, as culturas e as épocas, determinará o lugar do homem e da mulher na vida social e económica, como efectivamente a história e a realidade actual o comprovam.

A explicação anterior poderá suscitar algumas questões, como por exemplo:

- O que determinou a atribuição específica de cada tarefa a seu género?
- O que determinou que as mulheres ficassem com as tarefas que lhe foram atribuídas?

A resposta relativa ao facto da mulher ficar responsável pelo conjunto de actividades que visavam o cuidar das crianças, dos idosos, das mulheres em trabalho de parto, entre outros, segundo Collière (1989), deve-se ao facto do mesmo comportar um papel que se modela em torno da fecundidade e de todas as formas simbólicas que a mesma gera, isto é: *"é ela que dá à luz, é ela que tem o encargo de tomar conta de tudo o que mantém a vida quotidiana nos seus mais pequenos portadores"* (p. 40).

Segundo Hoebel & Frost (1996) a cultura é: *"um comportamento aprendido, não instintivo, determinado não-geneticamente"* (p. 30). Fecundidade poderia suscitar a inexistência de cultura, em prole de uma simples característica genética, contudo o «modelar em torno da fecundidade» retira qualquer dúvida de considerar o papel anterior como uma característica genética, pois o que se apreende à volta da fecundidade é que é considerado cultura.

Sem dúvida que os antepassados ditam muitos comportamentos actuais, contudo nem sempre as origens dos mesmos são fáceis de descortinar, pois por vezes incluem-se enúmeros factores que ao longo dos tempos tornaram essas origens invisíveis.

Dizer que nós, os homens, não nos importamos muito com o cuidar dos idosos, releva o cultural, o que me leva a questionar: e a personalidade onde ficou? Segundo Hoebel & Frost (1996) uma personalidade é o produto de muitos factores integrantes, tais como: "as



características constitucionais do indivíduo; a natureza do ambiente físico no qual a pessoa vive; a cultura de acordo com a qual o indivíduo vive; a experiência única, ou idiossincrática, biológica, psicológica, social ou a história do indivíduo" (p. 63). Para os autores a enculturação trata-se de um processo pela qual o indivíduo aprende e assimila os padrões de uma cultura. Uma personalidade bem ajustada é aquela que satisfaz plenamente os impulsos pessoais dentro das expectativas permissíveis do ambiente social. Tal leva a questionar: Será que na sociedade actual, os homens foram enculturados para terem um papel secundário, relativamente às mulheres, em termos de cuidar de idosos?

Segundo Almeida et al (1994), o aparecimento do conceito de género nas ciências sociais, permitiu clarificar as diferenças entre o biológico e o social. Ao usá-lo *"somos reenviados para a tentativa de identificação dos contextos de aprendizagem do que é o feminino e o masculino na sociedade ou contexto em análise"* (p.154). Os mesmos autores salientam-nos que as diferenças de comportamento entre os géneros poderão ser atribuíveis às aprendizagens feitas nos diferentes contextos de socialização.

A questão inicial relativa à ideia que se generaliza, de que nós os homens não nos preocupamos muito com as questões do cuidar, referem-se essencialmente ao cuidar em quotidiano, domiciliário, pois é a realidade que as mesmas conhecem. Contudo os tempos modernos, por diversos factores, têm ditado uma crescente institucionalização desse cuidar.

Segundo Comelles (1992), o contexto doméstico preservou uma importante auto-

mia, até que há pouco mais de um século, as instituições do estado vão substituir a família em muitas das suas funções. Concordo na íntegra com este autor, atendendo ao meu contexto social, económico e cultural, pois não é por acaso que se tem verificado um aumento significativo dos lares, creches e hospitais. Um exemplo da minha vivência profissional é o facto de que cada vez menos, os idosos morrem em casa, mesmo que os familiares estejam consciencializados que já não há mais nada a fazer no hospital pelo seu familiar idoso. Porque razão tal se passa assim? Evidentemente, que a resposta não estará num único factor, seu estudo daria respostas para a concepção de inúmeros trabalhos, contudo parece uma realidade que um dos factores prende-se com o facto de que hoje, regra geral, ambos os membros do casal trabalham, implicando indisponibilidade por parte deles, para cuidar desse idoso no domicílio.

Apesar do referido, os grandes sistemas públicos de assistência sanitária não eliminaram completamente o papel da mulher, em questões relacionadas com a saúde, dado que estas são peças básicas da reprodução social, pois trata-se de uma função que o estado pode controlar e interferir, mas não pode substituir completamente. Assim a acção do cuidar segue carregada de conotações femininas.

Nas últimas décadas, a ajuda das ciências sociais (onde se inclui a antropologia, a sociologia e a psicologia) tem ajudado o ser humano a compreender porque razão o indivíduo presentemente se comporta daquela forma naquele tipo de actividade, naquela organização, porque razão possui aqueles papéis e porque razão ao longo da vida tem que os redefinir diversas vezes. Por vezes, as explicações que se esperam, nem sempre se encontram visivelmente descortinadas, pois apesar dos rapazinhos continuarem a brincar com os «carrinhos» e as meninas com as «bonecas», não implica que os mesmos venham a desempenhar diferentes papéis. Aos que não pretendem ser enculturados na percepção de que os homens não se preocupam com as questões do cuidar (na perspectiva domiciliária), resta-lhe o argumento de que a personalidade têm uma palavra a dizer, na medida em que esta é o produto de vários factores, onde não se inclui apenas o cultural.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, João et al. – *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Universidade Aberta, 1994, p. 130-189.

COLLIÈRE, Marie-Françoise – *Promover a vida: Da prática das mulheres de virtude aos cuidados de enfermagem*. Lisboa: Sindicato dos Enfermeiros Portugueses, 1989.

COMELLES, Josep – *Cuidar y Curar: Bases para uma história antropológica de la enfermería hospitalaria*. Revista Rol. Barcelona. N.º172 (Dezembro 1998), p. 35-41.

EMBER, Carol; EMBER, Melvin – *Cultural Anthropology*. New Jersey: Prentice Hall, 1996, p.17-29.

FROST, Everett; HOEBEL, Admson – *Antropologia Cultural e Social*. São Paulo: Editora Cultrix, 1996, p. 15-73.